



As interfaces entre teatro e mídia na representação social¹

Cláudia Isabella Mourão*

Jornalista e aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF²

Fernanda Nalon Sanglard**

Jornalista e aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF³

Marise Baesso Tristão***

Jornalista e aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF⁴

Resumo

Assim como no palco, onde a história tem personagens, entre outros elementos, que por meio da representação, transmitem mensagens ressaltando alguns pontos em detrimento de outros, a mídia também apresenta discursos que revelam apenas alguns ângulos destacados. Essa característica dos meios de comunicação, do teatro e de diversos outros atores sociais que atuam na mediação está intimamente vinculada às identidades que construímos sobre nós e sobre o mundo. Aproveitando do amplo campo de estudo da comunicação, que permite estabelecer um elo entre diversos saberes, este artigo busca mostrar como o teatro pode auxiliar o processo de compreensão da relação entre mídia e sociedade.

Palavras-chave: teatro; mediação; comunicação; representação; identidades.

Introdução

Uma das grandes discussões atuais feitas pelos teóricos que abordam a comunicação se dá no campo da mediação. Algumas vertentes de pensadores defendem que, a partir do momento que a imprensa, seja ela escrita, falada ou televisionada, interfere ou intermedia as relações sociais, passa a intervir diretamente nos processos de construção identitários. Utilizando os conceitos citados acima como norteadores, este artigo objetiva demonstrar como os elementos do teatro podem ser utilizados para melhor compreender as relações entre mídia e sociedade.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Este artigo foi orientado pelo mestre em teatro, doutor em Comunicação e Cultura e professor associado I da Faculdade de Comunicação da UFJF, José Luiz Ribeiro.

² Cláudia Isabella Mourão formou-se em Comunicação Social em dezembro de 2006 pela UFJF, é produtora do MGTV, telejornal regional da Rede Globo, e aluna de disciplina isolada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.

³ Fernanda Nalon Sanglard formou-se em Comunicação Social em dezembro de 2007 pela UFJF, possui especialização MBA em Marketing pela Faculdade de Economia e Administração da UFJF, é repórter da editoria Geral do Jornal Tribuna de Minas e aluna de disciplina isolada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.

⁴ Marise Baesso Tristão formou-se em Comunicação Social em dezembro de 1993 pela UFJF, possui especialização em Comunicação: Estratégias diante de novas tecnologias pela UFRJ, é editora de Geral do Jornal Tribuna de Minas e aluna de disciplina isolada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.



Sabemos que o campo de estudos que se relaciona com a comunicação engloba diversos saberes. Por isso, o teatro pode ser considerado um desses saberes e também um canal de comunicação, uma vez que, assim como as matérias veiculadas na imprensa, o teatro possui mensagens, informações e simbologias a serem transmitidas, e, para tal, utiliza de recursos como cenário, sonoplastia, personagens e discursos, dentre outros elementos, direcionados ao público-alvo. No presente artigo, a escolha do fazer teatral como modo de comparação permite grande embasamento e enriquecimento de um trabalho que pretende sugerir uma nova forma de compreender a mediação e a estreita relação entre a mídia e a construção de discursos identitários.

É compreensível que, nas mais diversas relações sociais, o indivíduo (que aqui também chamaremos de ator) utilize máscaras e interprete papéis diferentes de acordo com o espaço, contexto e atores com quem vai relacionar. Assim, da mesma forma que a representação ocorre nos palcos, acontece na vida social e, por consequência, é transportada para os veículos de comunicação. As reportagens, cada vez mais, utilizam personagens para humanizar os temas, e as edições fazem recortes de situações, assim como dramaturgos reúnem informações e suprimem outras, com objetivo de contar ou recontar histórias.

Este artigo não tem a intenção de representar uma metodologia de estudo revolucionária e acabada sobre a interferência dos meios de comunicação na elaboração de discursos representativos da sociedade, mas de propor novas formas de pensar a comunicação, a mediação e suas relações identitárias, por meio da analogia a algumas características da encenação teatral. O objetivo é, sobretudo, demonstrar que é possível entender, estudar e aprofundar as teorias da comunicação em relação à construção dos discursos identitários, utilizando como base comparativa as técnicas e recursos usados no teatro. De maneira geral, estes artifícios sempre foram amplamente usados para transmitir diversos tipos de mensagens para a sociedade, sejam de ficção ou até mesmo fatos reais. Dessa forma, entendemos que a arte teatral pode ter contribuído, e ainda contribui, para a construção e o aprimoramento das técnicas utilizadas pela mídia para transmitir informações para o público e, por isso, podem ser utilizadas para a melhor compreensão dos processos comunicacionais e de suas relações com a definição e a modificação de identidades.



Teatro, comunicação e sociedade

O termo teatro vem do verbo grego *theastai* – ver, contemplar, olhar – e representava, inicialmente, o local onde aconteciam os espetáculos. Com o passar do tempo, passou a designar qualquer tipo de espetáculo. (PEIXOTO, 1981, p.14). Atualmente, o teatro tem sido muito mais do que isso. Ele representa um canal da comunicação presente na nossa sociedade e, por ser uma arte presencial, afeta de maneira surpreendente o ser humano. Aristóteles (1973) já designava o homem como *zoón politikon*, ou seja, como ser que convive, que tem necessidade de interagir com os outros.

Na verdade, o teatro nasce no instante em que o homem primitivo coloca e tira sua máscara diante do espectador. Ou seja, quando existe consciência de que ocorre uma “simulação” [“consciência de uma cumplicidade”], quando a representação cênica de um deus é aceita como tal: a divindade presente é um homem disfarçado. (PEIXOTO, 1981, p.15).

Entretanto, ao contrário do que Peixoto afirma, o interacionismo simbólico e outras vertentes sociológicas consideram que, na vida real, ou fora de uma cena teatral, a representação existe não só quando há intenção, mas também de forma inconsciente. Por isso, a relação teatral existe em todas as esferas sociais, já que os indivíduos realizam projeções simbólicas e buscam idealizar aspectos diferentes de si mesmo, de acordo com cada situação vivida. Para Erving Goffman (1989, p.40), “uma representação é ‘socializada’, moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada”, e, por isso, a idealização serve para revelarmos aspectos melhores de nós mesmos e ocultarmos o que não queremos mostrar. Então, falando ‘mentira’ ou ‘verdade’, de certa forma, representamos ou atuamos. É importante ressaltar, também, o fato de as pessoas interpretarem diferentes papéis em ambientes diversos, o que o autor chama de “segregação de auditório”. Ou seja, dependendo do público ou da linha editorial que um jornal é direcionado, haverá diferenças na transmissão de informações. De acordo com Stuart Hall (2000, p.13), “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”.

No livro “A representação do eu na vida cotidiana”, Goffman (1989) utiliza a perspectiva da representação teatral para elaborar uma espécie de manual que descreve a vida social. Longe de este artigo objetivar ser uma obra tão grandiosa quanto a do



autor, ele pretende se embasar, também, na perspectiva da representação teatral, mas para buscar compreender melhor a mediação e os processos subjetivos que influenciam as escolhas editoriais feitas pela mídia, que abordam algumas características identitárias em detrimento de outras. Entendemos que os meios de comunicação têm o papel primordial de transmitir os fatos que acontecem no mundo para a sociedade. Entretanto, notamos que esta “escolha” do que será veiculado é amplamente composta de discursos identitários e técnicas que diferenciam, ou até modificam, a forma da informação que está sendo transmitida. Em outras palavras, cada veículo de comunicação possui uma determinada forma de transmitir as informações, com uma linha editorial e um perfil de profissionais definidos, e a delimitação de um público para o qual estas informações serão dirigidas. Assim, entendemos que, tendo um mesmo fato a ser noticiado, o que será veiculado nos jornais, televisões, rádios e internet terá características distintas. Isso ocorre porque não há uma visão única e verdadeira acerca de um fato, e um jornalista utiliza diferentes técnicas e enfatiza diferentes aspectos para construir a notícia.

O tempo é instrumento de decantação do cotidiano, transformando-o em produto simbólico na memória de um povo ou no fino vinho do mito que preenche com narrativas as fissuras do incompreensível. A História se faz na narração dos fatos configurados na amplificação ou redução retóricas de informações. Os fatos reais se reorganizam e promovem a transfiguração que vai habitar as versões oficiais nos livros de história ou a tradição oral que circula na boca do povo. Assim, os retratos sociais são realizados de forma a criar protótipos. A sociedade se organiza em torno de funções que desenham os traços de máscaras sociais. (RIBEIRO, 2007, P.137).

Assim como afirma Ribeiro, o cotidiano pode ser considerado um produto simbólico que é reorganizado por algumas pessoas para ser apresentado a outras. Os meios de comunicação, por exemplo, apenas oferecem um “recorte” da realidade e embasam a matéria jornalística em determinado foco, com personagens e contextos que “amarram” o texto e dão sentido ao fato que será noticiado. O enquadramento vai depender do público-alvo de determinado veículo e, naturalmente, da visão do narrador de tal fato, no caso, o jornalista. O cronista Paulo Mendes Campos dá um excelente exemplo de que a visão do fato depende de quem está contando a história na crônica “Os diferentes estilos”. Assim como na crônica, também no jornalismo e no teatro tudo vai depender de quem narra ou escreve a história. Na crônica, o autor conta, de diferentes maneiras, o fato de o corpo de um homem, de presumíveis 40 anos, ter sido encontrado, por um porteiro, à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. O fato é apresentado em “estilo didático”, “estilo feminino”, “estilo colorido”, “estilo



reacionário”, “estilo Nelson Rodrigues”, dentre muitos outros. Só para se ter uma idéia do que o cronista faz, citamos quatro estilos:

Estilo interjetivo

Um cadáver! Encontrado em plena madrugada! Em pleno bairro de Ipanema! Um homem desconhecido! Coitado! Menos de quarenta anos! Um que morreu quando a cidade acordava! Que pena!

Estilo colorido

Na hora cor-de-rosa da aurora, à margem da cinzenta lagoa Rodrigo de Freitas, um vigia de cor preta encontrou o cadáver de um homem branco, cabelos louros, olhos azuis, trajando calça amarela, casaco pardo, sapato marrom, gravata branca com bolinhas azuis. Para este o destino foi negro.

Estilo Nelson Rodrigues

Usava gravata de bolinhas azuis e morreu!

Estilo reacionário

Os moradores da Lagoa Rodrigo de Freitas tiveram nesta manhã de hoje o profundo desagrado de deparar com o cadáver de um vagabundo que foi logo escolher para morrer (de bêbado) um dos bairros mais elegantes desta cidade, como se já sabe não bastasse para enfeiar aquele local uma sórdida favela que nos envergonha aos olhos dos americanos que nos visitam ou que nos dão a hora de residir no Rio. (CAMPOS, 1979).

Cada um tem a sua visão da morte, interpreta e conta à sua maneira. Vale ressaltar que, no estilo reacionário, o narrador não tem compaixão pela vítima, mas, ao contrário, vê o cadáver como aviltante para a sociedade à sua volta. Certamente, a ideia do leitor sobre a ocorrência vai partir da maneira como ela está sendo narrada. Enquanto um diz “Que pena!” o outro diz que “profundo desagrado”. Qual será a verdade deste fato? Vai depender de quem está olhando. Peter Hall (1975) lembra que a realidade é contingenciada. Assim também é no jornalismo. As reportagens, muitas vezes, são feitas ou têm determinado gancho a favor ou contra determinadas situações.

E, assim como não existe uma verdade absoluta e uma reportagem que consiga carregar todas as informações e versões de um fato, podemos considerar que não existe teatro em sentido absoluto, com normas e regras permanentes. Já que ele é uma arte mutante, que acompanha a sociedade e suas mudanças, é reflexo da humanidade e uma resposta às suas angústias e inquietações. O teatro, então, pode ser considerado como espelho do homem e do mundo, já que, através dele, percebemos a relação do homem com ele mesmo, com os outros e com o local que está inserido. A crença no teatro como reflexo da sociedade pode ser comprovada atualmente por



pesquisadores de qualquer vertente, já que o teatro, além de espelhar a sociedade, também é reflexo de cada tempo.

Ao compreender que o teatro é o espelho de cada época, por representar o período em que se vive ou algum outro momento, mas utilizando os materiais e técnicas da época em que o espetáculo está sendo produzido, podemos entender melhor como funcionou a sociedade em cada período e região onde o teatro se fundamentou ou trouxe inovações. Podemos dizer, de uma maneira simplificada, que o teatro, ao longo da História, desempenhou, além da função de entretenimento, o papel de reportar os fatos que aconteceram na sociedade em uma determinada época. E, assim como as matérias jornalísticas, tiravam como base um determinado “recorte” do fato para construir uma trama com determinados personagens, contextos e dramatizações para atrair o público.

De acordo com Raymond Willians (2000), é necessário analisar a evolução histórica do sistema de sinais presente no teatro e, especialmente, o teatro clássico grego, para compreender o desenvolvimento cultural e social. “As representações diárias começavam com um sacrifício e libações; o sacerdote de Dionísio sentava-se no centro, na frente do público; a imagem do deus [...] havia sido trazida em procissão e colocada no teatro; no centro da plateia havia um altar”. (WILLIANS, 2000, p.135). Esses sinais citados eram religiosos e enquadram a representação em um modo culturalmente específico. Entretanto, houve uma evolução de significados e este espetáculo teatral, apesar das características religiosas, já não significa o mesmo que os rituais religiosos dos quais se originou.

O surgimento de novos sinais no teatro grego fez com que os personagens deixassem de ser sacerdotes ou devotos e passassem a ser interpretados por atores e coro diante do público. Os sinais dramáticos começaram a predominar; a narrativa e o teatro se afirmaram, dessa forma, condicionados à sociedade. E, a cada mudança social, esta arte é afetada ou vice-versa, de maneira que, com o passar do tempo, novos problemas e soluções, conflitos e motivações são descobertos. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação e com o avanço tecnológico não foi diferente.

A indústria cultural e os meios de comunicação de massa ameaçavam recalcar o teatro e, até mesmo, destruir esta arte tribal. No entanto, ela sobreviveu. Mas, apesar de não ter sido destruída, artificios foram criados e ela foi reinventada. “Em determinado momento, precisa-se de mais, precisa-se da *invenção*. É aqui que a produção não chega a abafar a criação, que a burocracia é obrigada a procurar a



invenção, que o padrão se detém para ser aperfeiçoado pela originalidade”. (MORIN, 1997, p.26).

A mesma ameaça sofrida pela arte teatral ocorreu com os veículos de comunicação. A cada surgimento e consolidação de uma nova mídia, um veículo passava a ser ameaçado. Com o advento da televisão, imaginava-se que o rádio seria extinto, por exemplo. Entretanto, mesmo com o fenômeno da internet e das novas tecnologias, o jornal impresso, as revistas semanais, os telejornais e os programas de rádio continuam existindo. O que ninguém pode negar é que, agora, mais do que nunca, há um grande acirramento da concorrência de meios de comunicação distintos em busca da sobrevivência.

Os dados indicam que não só menos pessoas estão lendo jornais, como também o fazem por menos tempo – tanto no Brasil quanto em muitos países desenvolvidos. A queda de circulação, do número de leitores e do tempo de leitura dos jornais coincide com o período de acirramento da concorrência de outros meios de informação, como a internet, as TVs por assinatura, as emissoras de rádio noticiosas e até mesmo as revistas semanais informativas. Todos esses meios disputam com os jornais não só a atenção da audiência, mas também as verbas publicitárias – ambos, recursos finitos. (SANT’ANNA, 2008, p.18).

Diante disso, é preciso que os veículos se reinventem, busquem seus espaços para sobreviver e produzir com mais qualidade. Por exemplo, se o rádio não é mais o veículo para se ouvir a novela, passa a ser o veículo principal de serviço, mais imediato, que pode ser útil quando o ouvinte, dentro de um automóvel, informa-se sobre um engarrafamento em determinada rua da metrópole e busca outro caminho. O jornal busca se aprofundar e, se não há páginas suficientes para todas as fotografias e reportagens, pode ser apoiar na amplitude da internet.

Mas, retomando a questão do teatro, as formas de fazer teatral sempre foram diferentes e levaram em conta a cultura da região em que estiveram inseridas, mesmo conservando algumas características globais. Outra questão importante é o fato de ser instrumento de modificação social. As mesmas características se fazem presentes no jornalismo. Entretanto, uma diferença marcante é a capacidade de o teatro romper estereótipos impostos socialmente, enquanto a mídia, em muitos casos, atua de forma a reafirmar tais modelos.

O teatro é uma arte híbrida que acumulou, durante milênios, uma sabedoria cultural assentada na expressividade humana. No século da comunicação de massa, ele preserva a *aura* que lhe é conferida pelo “hic et nunc” da presença carnal do ator. Ele jamais se repete diante da variabilidade de possibilidades do ser humano. A construção do espetáculo envolve vários processos de comunicação entre o autor e



diretor; o autor e o ator; o diretor e o ator; o cenógrafo e o ator, por exemplo. A comunicação entre estes pólos vai nos dizer que, literalmente, o teatro é a arte do diálogo. (RIBEIRO, 1993, p. 17).

A nossa sociedade, individualista e fragmentada, faz com que os indivíduos pensem e ajam de acordo com paradigmas inscritos culturalmente. (MORIN, 2006, p.25). Tal característica é mais um argumento de que a teoria utilizada por Goffman (1989) para descrever a perspectiva sociológica a partir da representação teatral também poderia servir para a formulação de uma nova metodologia de estudos da comunicação. Pois, assim como os indivíduos interpretam papéis em suas relações sociais e precisam fazer escolhas para criar, moldar e reconstruir suas identidades a todo instante, os veículos de comunicação, como mediadores, também precisam de personagens e utilizam do reducionismo e da idealização para transmitir ao público o papel social que escolheram representar.

Assim como Goffman (1989) utilizou dos elementos do teatro para elaborar uma teoria de estudo da vida social, este trabalho visa a propor que esta mesma abordagem sirva de embasamento para uma análise das temáticas e recortes utilizados na mídia.

Mediação e discursos identitários

A partir do deslocamento dos estudos da comunicação feito por Martín-Barbero (2001) em “Dos meios às mediações”, as análises que comumente eram feitas levando em conta apenas um elemento comunicacional, geralmente a mídia, passaram a levar em conta também os aspectos da recepção e da mediação, já que os meios de comunicação são os grandes mediadores de representações que perpassam o social. Desta forma, colaboram para produzir discursos em torno da identidade cultural de um grupo. Identidades são construídas na medida em que vivemos, nos identificamos com elas e sentimos sensação de pertencimento. Mas também são formadas pela negação e distanciamento de outros fatores – sei que sou isso porque não quero ser aquilo. O que constitui uma identidade nacional, por exemplo, é uma narrativa da nação, que as pessoas relacionam entre si. “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 1992, p.7).



A comunicação, os discursos e as narrativas são as matérias-primas das identidades. A partir dessa afirmação, a dúvida que surge é em relação a qual seria a função da mídia nos processos de transformação social e na formação de identidades coletivas. Para começar a formular uma resposta para essa questão vale ressaltar que os veículos de comunicação têm a capacidade de alterar, criar, enfim, construir a realidade.

As técnicas de comunicação, tais como a insinuação, a ambiguidade estratégica e omissões essenciais permitem ao informante enganador aproveitar-se da mentira sem tecnicamente dizer nenhuma. Os meios de comunicação de massas têm sua própria versão a respeito disto e demonstram que, por meio de reportagens e ângulos fotográficos criteriosos, uma minúscula resposta a uma celebridade pode ser transformada em uma torrente impetuosa. (GOFFMAN, 1989, p.63).

Morin (2006) considera os paradigmas como cegueiras do conhecimento e acredita que os indivíduos agem segundo modelos inscritos culturalmente. De acordo com ele, a partir do momento que conseguimos romper um paradigma, destruímos também estereótipos e passamos a questionar os absurdos e “crenças estúpidas não-contestadas”. O teatro também tem como função desfazer imposições, conformismos e preconceitos. O intuito é tornar as pessoas mais capazes de argumentar, de discutir, de duvidar, de buscar novas soluções, como também de ir contra as formas de discriminação. Dessa maneira, estimula que repensemos nossos paradigmas e que tentemos compreender melhor o outro. O jornalismo também tem uma função social importante e, principalmente a vertente voltada para a cidadania, tem capacidade de estimular na sociedade novas discussões, dar voz aos excluídos, propor políticas públicas e romper estereótipos.

A comunicação não garante a compreensão. A informação, se for bem transmitida e compreendida, traz inteligibilidade, condição primeira necessária, mas não suficiente, para a compreensão. Há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. Compreender significa intelectualmente apreender em conjunto, *comprehendere*, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno). (MORIN, 2006, p.94).

Entretanto, a produção sensacionalista, muitas vezes, toma espaço do jornalismo cidadão, e acaba por reforçar estereótipos. Canclini afirma que a diversidade de saberes e repertórios artísticos deveria ser mais aproveitada para se promover novas formas comunicacionais. Esse contexto pode ser transportado para os estudos da comunicação, pois a utilização de outros saberes, não só relacionados ao teatro, mas a



diversas outras culturas e modalidades interdisciplinares, promoveria uma discussão mais humanizada, embasada e consciente sobre a mediação e sua relação com a sociedade.

A reflexão atual sobre a identidade e a cidadania precisa situar-se com relação a vários suportes culturais, e não só com o folclore ou a discursividade política, como ocorreu nos nacionalismos do século XIX e princípios do XX. Deve-se levar em conta a diversidade de repertórios artísticos e de meios de comunicação que contribuem na reelaboração das identidades. Por isso mesmo, seu estudo não pode ser tarefa de uma única disciplina [...], mas de um trabalho transdisciplinar [...]. (CANCLINI, 1995, p. 148).

A discussão a cerca das questões identitárias também se tornam importantes sempre que o objeto de estudo é a mediação, pois cada vez mais os meios de comunicação se tornam imprescindíveis em qualquer assunto do dia a dia. Quantas pessoas, por exemplo, não pautam suas decisões pelo que viram ou ouvirem nestes veículos? Raramente conhecemos a fundo um candidato a um cargo político e, por isso, geralmente tomamos nossas decisões influenciados pelo modo como construímos as imagens destes políticos a partir da análise do que é representado nos meios de comunicação. E o que conta não é quem é o candidato, mas a imagem que temos deste ator. A imagem do mito Lula torna-se, por exemplo, muito mais importante do que o Lula pessoa. “Ser uma determinada espécie de pessoa por conseguinte não consiste meramente em possuir atributos necessários, mas também em manter os padrões de conduta e aparência que o grupo social do indivíduo associa a ela.” (GOFFMAN, 1989 p. 74)

Portanto, se queremos explicar um fenômeno social ou político, por exemplo, não podemos prescindir do fenômeno meio de comunicação de massa. Isso significa que as identidades individuais e coletivas só podem ser compreendidas hoje senão tendo como pano de fundo a variável veículo de comunicação, já que apenas uma minoria não trava algum tipo de contato com a mídia.

Os termos “região de fachada” e “bastidores”, muitas vezes citados por Goffman (1989) pode nos auxiliar a compreender melhor os processos que ocorrem quando estamos cientes da representação e quando, mesmo encenando, estamos em uma região de preservação da intimidade. “(...) será conveniente muitas vezes usar o termo ‘região de fachada’ para se referir ao lugar onde a representação é executada.” Segundo o autor, a fachada seria o mesmo que o palco. Já a “região de bastidores” é definida como um lugar onde a representação pode ser por um momento esquecida, já que está



fora do alcance do público. Entretanto, uma região de fachada pode ser, simultaneamente, uma área de bastidores. Um exemplo prático seria o momento de intervalo comercial no estúdio durante a gravação de um telejornal. Esse momento é considerado de bastidores para os jornalistas e equipe de produção em relação aos espectadores, mas é uma região de fachada entre esses profissionais, já que eles estão produzindo discursos e, em consequência, representando uns para os outros.

O campo da política também é uma área importante para se comparar à do teatro e pode ajudar a compreender melhor a mediação. Há estudiosos da comunicação, como Rubim (2000), que defendem que a política está totalmente dominada pela lógica dos meios e teria se tornado um mero espetáculo. O que vemos hoje é a arena política se ajeitando para a cobertura dos veículos de comunicação. Cada vez mais temos na política o que está nos bastidores e o jogo de cena no palco. O jogo de cena é a parte que o povo em geral vê, lê ou escuta. “A mídia só mostra o que lhe convém, a seus interesses e a do grupo empresarial a que pertence. Os fatos relevantes ocorrem nos bastidores e, quando há interesse, vão para as páginas” (MIGUEL, 2002).

“(…) Embora normalmente as pessoas sejam o que aparentam, as aparências podem ser manipuladas” (GOFFMAN, 1989, p.70). No caso de um candidato a algum cargo público, se antes ele precisava saber articular-se nos debates, depois passou a ter também a necessidade de uma voz bem colocada no rádio e, futuramente, precisou preocupar-se, assim como um ator se preocupa, com seu visual como um conjunto, por causa da televisão. Hitler e Roosevelt são símbolos de homens públicos que souberam aproveitar a política da era do rádio. No Brasil, Fernando Collor de Mello soube, no início da campanha à presidência da República, em 1989, aproveitar sua imagem na TV. O inverso também aconteceu com o já presidente Collor, vítima do impeachment, graças, em grande parte, à pressão midiática.

No entanto, como os menos pessimistas da Escola de Frankfurt ressaltavam em relação à indústria cultural, aqui também há brechas. E há leitores mais atentos que cobram a cobertura dos bastidores políticos, principalmente em casos de momentos marcantes, como o de uma disputa eleitoral. Muitas vezes, o eleitor, leitor, ouvinte ou telespectador percebe o jogo de cena. Neste caso, como lembra Miguel (2002), “como a produção da apatia é imperfeita, a massa irrompe de tempos em tempos no jogo político, ou seja, a platéia invade o palco e tumultua aquilo que fora acertado nos bastidores”. Muitas vezes, uma “revelação” dos bastidores é um momento crucial do jogo político. Mas já ficou provado que é preciso haver interesse da mídia para que este



jogo seja virado. Foi assim no Watergate, no impeachment de Collor e nas declarações do deputado Roberto Jefferson (PTB), denunciando o mensalão, corrupção no Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

No entanto, hoje em dia, aquilo que deveria ocorrer apenas nos bastidores vem à tona de maneira proposital em muitas situações midiáticas. Enquanto antigamente a região de bastidores era vista como um lugar para ser resguardado, atualmente há uma tendência de se revelar estes momentos de intimidade. Há pessoas que topam 15 minutos de fama de qualquer maneira, porque só vêm a percepção que existe se ganham o olhar do outro. Nesse caso, há escândalos que são divulgados porque vieram à tona propositalmente por meio dos personagens centrais, que estavam esquecidos e encontraram nesse novo modelo de comunicação a forma de ter novamente holofotes sobre eles. O Big Brother Brasil, por exemplo, não é um jogo da realidade. Talvez no início sim, mas depois, os personagens passam a representar e saber quais são os campos de disputa. O fato de as imagens de revistas de fofocas e e-mails com fotos de celebridades em sua intimidade terem grande apelo popular e irem para o espaço público também comprovam que as relações sociais formatam a maneira de agir e as representações executadas pelos atores e esse novo processo de busca acirrada pela exibição do bastidor.

Conclusão

Os veículos de comunicação não são canais neutros, pelo contrário, são agentes políticos e, com seu poder e força, conseguem reorganizar o jogo de cena, dar maior ou menor destaque para determinados assuntos que, desta forma, são esquecidos ou ganham dimensões não imagináveis. Dessa maneira, contribuem com a afirmação, elaboração e desconstrução de identidades. É certo que a comunicação e o teatro formam dois campos diferentes, mas as semelhanças entre as características de ambos é interessante. Nos dois casos, o público tem a capacidade de analisar e filtrar o que veem, ouvem ou leem.

No entanto, algumas vezes o cidadão esquece ou age de forma a não compreender que no nosso cotidiano estamos mergulhados em representações, regiões de palco e de bastidores. A partir da analogia entre teatro, representação, mídia e mediação, este trabalho demonstrou como os elementos teatrais estão impregnados na sociedade e, por consequência, nos processos de mediação. Assim como o teatro pode



ser utilizado para explicar os fenômenos de representação social, a mídia também tem esse papel. A partir de recortes eles recontam a história da sociedade.

Lembramos aqui que deve ser levado em conta o poder dos veículos de comunicação em várias esferas e a representação da mídia como um agente político. As escolhas editoriais, a opção de divulgar um acontecimento em detrimento do outro e as maneiras pelas quais os fatos são relatados são características relevantes no entendimento dos processos identitários. Um exemplo se baseia na forma como as informações chegam até nós. Recebemos as notícias mundiais de guerras, pesquisas, governos, e religiões sempre filtradas pelas agências de notícias, um seleto grupo ocidental, que distribui as informações por todo o planeta.

A representação política relacionada à encenação teatral também foi utilizada como forma de buscar compreender melhor os processos de mediação, já que neste artigo, o teatro serve como respaldo para demonstrar como os papéis são representados no cotidiano e transportados para os meios de comunicação. Outro aspecto levantado é a questão do deslocamento sofrido pelo conceito de “bastidor” atualmente. Enquanto há tempos atrás a sociedade desejava esconder nessa área as intimidades, agora elas são mediadas e o bastidor se tornou um elemento de grande repercussão e interesse coletivo.

Este artigo demonstra que é imprescindível recorrer à comunicação para estudar como formamos nossas identidades. Para tal, o teatro foi utilizado como forma de exemplificar melhor as características da mediação e as máscaras sociais utilizadas pelos indivíduos como forma de justificar suas escolhas e confirmar sua representação.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 16.ed. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Ediouro, 19--.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Os diferentes estilos**. In: Para Gostar de ler. São Paulo: Ática, 1979. v.4, p. 39-42.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1989.

HALL, Peter. **A Symbolic Interactionist Analysis of Politics: Perspectives on Political Sociology**. Columbia University Press. 1975. p. 35-77.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4.ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação cultura e hegemonia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MIGUEL, Luís Felipe. **Os meios de comunicação e a prática política**. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 10 mar. 2009.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

_____. **Cultura de Massas no Século XX: Neurose**. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

RIBEIRO, José Luiz. **Imagens étnicas na construção do feminino brasileiro**. In: COUTINHO, Iluska; SILVEIRA JR, Potiguara Mendes da. (org.) *Comunicação: tecnologia e identidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.137-150.

_____. **As máscaras do espectador**. 1993. Dissertação de Mestrado, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

RUBIM, Antônio Albino Canelas — **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker, 2000.

SANT’ANNA, Lourival. **O destino do jornal: a Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.